

PARTE II

PALAVRAS DE ESCRITORES E JORNALISTAS

Edmondo De Amicis na América do Sul: pátria e identidade italiana fora dos limites nacionais

*Edmondo De Amicis in South America:
homeland and identity Italian out of bounds national*

Gabriella Romani*

Resumo: Redescoberto nos últimos anos pela crítica literária, pela sua vasta produção de literatura de viagem, Edmondo De Amicis continua sendo um escritor pouco estudado, sobretudo lembrado como escritor “dos lânguidos”, como o definiu Carducci. O sentimentalismo de De Amicis, no entanto, não constituiu apenas uma estratégia comercial para as vendas de seus livros, mas foi decorrente de um projeto idealizado, de uma pedagogia cívica bem precisa, visando a constituição da “unidade cultural do país, recém-unificado, e que ainda muito precisava fazer em termos de identidade italiana. Em 1884, De Amicis escreveu *Sull’Oceano*, um romance que narra a viagem imaginada a bordo do navio “North America” levou a Argentina para uma série de conferências. O tema da viagem não é novidade para De Amicis, que já havia escrito de várias contas de viagens realizados nos anos 70, como *Espanha*, *Holanda*, *Marrocos* e *Constantinopla*, a novidade do oceano é que, como o título sugere, a “ênfase aqui não é o ponto de chegada, ao país anfitrião, mas a viagem em si, o momento de transição, a expectativa da transição, dando voz à experiência de imigrantes italianos, assim como de todos os italianos que viveram durante o período pós-unificação. Com esse estudo apresenta-se nova análise do romance *Sull’Oceano*, à luz das questões identitárias italianas do período de pós-unificação e dos debates realizados com outros intelectuais da época, como Paolo Mantegazza, que também viajou para a América do Sul.

Palavras-chave: De Amicis. Literatura de viagem. Imigração. Ressurgimento italiano.

Abstract: Edmondo De Amicis gained his national and international literary fame thanks mainly to his novel, *Cuore* (Heart of a Boy, 1886), but he also wrote several travel books, which were well received by both critics and readers. Among them, *Sull’Oceano* (On the Ocean, 1889), a book in which the author recounted the journey he made in 1884 on the boat Nord America headed towards South America.

* Professora adjunta de italiano na Seton Hall University. Laureada em Língua e Literatura Estrangeira Moderna na Universidade de La Sapienza- Roma, possui Ph.D. em literatura italiana na Universidade da Pensilvânia

De Amicis visited Buenos Aires where the newspaper *Nacional* had sponsored a series of his lectures on the Italian patriots of the Risorgimento. On his way back to Italy, he also stopped in Rio de Janeiro – a brief visit which resulted in a short story, “Il sogno di Rio de Janeiro,” included in the volume *Nel Regno del Cervino* (1902). De Amicis’s publications on South America, however, present a different approach compared to the rest of his travel literature. They lack, in fact, the wealth of observations and details which normally filled the pages of De Amicis’s narrations of far-away and exotic places. Traveling to South America made De Amicis think more about Italy and Italians (many of whom had emigrated to this continent) than the local people and places he saw there. What he wrote, therefore, about South America was not meant to describe unfamiliar places, but rather to present Italians living in Italy with an opportunity to reflect on a phenomenon, migration, which, for De Amicis, was still unfamiliar to them and, yet, which was not so distant from the realities of unified Italy as many bourgeois readers imagined.

Keywords: De Amicis. Travel literature. Immigration. Risorgimento.

No decurso dos séculos os italianos foram considerados como povo de navegadores e poetas. Entretanto, poucos foram os escritores que se aventuraram da Itália à América do Sul no século XIX. Entre esses poucos encontramos Edmondo De Amicis, que ainda hoje é lembrado principalmente pelo seu livro *Cuore* (1886), com o qual conquistou fama nacional e internacional. Mas De Amicis também foi autor de numerosos livros de viagem, entre os quais *Sull’Oceano* (1889), dedicado ao tema da emigração.

No curso da sua vida, Edmondo De Amicis fez uma única viagem à América do Sul, em 1884. Em 10 de março daquele ano, o escritor originário de Oneglia (cidade ligure que hoje se chama Imperia), embarcou em Gênova no vapor *Nord America*, para chegar à Argentina depois de 22 dias de viagem, atendendo a convite para fazer uma série de conferências sobre Cavour, Mazzini e Garibaldi, organizada pelo jornal *Nacional*, patrocinador da viagem e de substanciais honorários – 40 000 Liras, que foram recebidas por De Amicis. A viagem de retorno incluiu uma escala no Rio de Janeiro, onde o autor permaneceu por apenas três dias¹.

¹ Para uma reconstrução da viagem de De Amicis à América do Sul, veja-se: Giorgio Bertone, “La patria in piroscampo. Il viaggio di Edmondo De Amicis” in Edmondo De Amicis, *Sull’Oceano*, organizado por Giorgio Bertone, Edizioni Diabasis, Reggio Emilia, 2005, p. 21-58; Valentina Bezzi, *Nell’officina di un reporter di fine Ottocento: gli appunti di viaggio di Edmondo De Amicis*, Il Poligrafo, Padova, 2007; Francesco De Nicola, “De Amicis e l’Argentina” in *Gli scrittori italiani e l’emigrazione*, Ghenomena Edizioni, Formia, 2008, pp. 29-57; Federica Pastorino, “De Amicis dagli Appennini alle Ande” in *De Amicis: Riletture e Approfondimenti*, Atti del Convegno di Studi, Genova, 23 ottobre 2008, organizado por Vincenzo Gueglio, Gammarò editori, Sestri Levante, 2009, pp. 39-64.

Esta viagem resultou em alguns êxitos literários: um romance, *Sull'Oceano*, que alcançou grande sucesso de público (dez edições em duas semanas) e um certo apreço por parte da crítica, inclusive aquela de Pasquale Villari, que fez uma resenha positiva²). Tais êxitos, em grande parte, decorreram da ampla campanha publicitária orquestrada pelo editor milanês Treves. Ainda como êxitos literários apontam-se dois contos e uma conferência: o famoso episódio “Dalle Ande agli Appennini,” incluído em *Cuore*, “Il sogno di Rio de Janeiro,” publicado na coletânea *Nel Regno del Cervino*, de 1900, e a conferência “I nostri contadini in America”, publicada em 1902 no livro *Capo d'Anno*.

Antes de viajar à América do Sul, De Amicis viajara muito, tendo publicado diversos livros sobre a Espanha, Holanda, Marrocos, Turquia, entre outros³, ricos em observações particulares extraídas da sua permanência nesses países. Portanto, um primeiro aspecto curioso a assinalar é que inicia sua obra sobre a América do Sul formulando com sutil ironia a seguinte pergunta: “Porque não escrevera nada sobre o Rio de Janeiro?” Tal era a questão que colocava com freqüência depois do seu retorno da América do Sul. Até que, em 1902, decide escrever aquele conto explicando que esteve só três dias no Rio de Janeiro, e por isso não havia tido o tempo suficiente para entender e observar bem a cidade: “Que coisa poderia descrever?” dizia para justificar-se, acrescentando que “seria como descrever um sonho” (De Amicis, 1990, p. 277). De Amicis era habituado a escrever ‘a partir do verdadeiro,’ isto é, tendo em conta as impressões resultantes de suas atentas observações. No Rio de Janeiro havia tido apenas tempo de ‘ver’ (“Os bons amigos fizeram quanto puderam para fazer-me ver cada coisa” (De Amicis, 1900, p. 277) mas, sem conseguir transformar estas imagens em observações razoáveis que pudessem produzir lembranças duradouras (“e também

² Pasquale Villari, escritor positivista, famoso pelas suas *Lettere meridionali* e pelas sua pesquisa sobre a pobreza na Itália, apreciou o livro de De Amicis, não tanto pelo valor literário da obra, quanto pelo seu valor pedagógico e, ainda, pela capacidade do autor de descrever com agudeza de detalhes e sentimentos um fenômeno como a emigração, até aquele momento ignorado pelos escritores italianos. “A emigração, escreve Villari, “é um dos mais graves problemas da sociedade moderna, gravíssimo e agora ocorrendo também na Itália.[...] O primeiro a estudar verdadeiramente o fenômeno na Itália foi De Amicis, que escreveu sobre o mesmo algumas páginas estupendas, que dão maior e permanente valor ao seu novo livro.” “Edmondo De Amicis e i suoi critici” in *Nuova Antologia* 28.3 (1 Luglio 1889), p. 102-116, p. 116.

³ Os primeiros livros de viagem foram publicados pelo editor florentino Barbèra: *Spagna* nel 1872 e *Olanda* nel 1873. Aqueles sucessivos saíram em Milão, com Treves: *Ricordi di Londra* nel 1874, *Marocco* nel 1876, *Costantinopoli* nel 1878, *Ricordi di Parigi* nel 1879.

entre as imagens mais vívidas tenho lacunas obscuras, onde nem mesmo pensando longamente sou capaz de encontrar a mínima recordação” (De Amicis, 1900, p. 277)). Em geral, pode-se dizer que, nessas narrativas, o autor permanece no nível da ensaística, limitando-se na verdade à descrição de um único evento, de um singular personagem, ou de uma ideia apenas esboçada que, necessariamente, o impede de aprofundar impressões recolhidas durante a viagem. No romance, ao invés, graças à maior amplitude do projeto narrativo, o autor consegue elaborar um pensamento mais articulado desta experiência de viagem. E será em *Sull'Oceano*, de fato, que encontraremos um posterior ponto de reflexão de De Amicis sobre a escrita de viagem, até mesmo chegando a colocar em dúvida o seu trabalho precedente, criticando livros e relatos de viagem que “ tornam familiares os países mais distantes, e fazem vê-los com a mente já plena e saciada de suas imagens, incapaz de fortes impressões.” (De Amicis, 2005, p. 222) Se de uma parte De Amicis havia, sem dúvida, cavalgado na onda do sucesso oferecido pela literatura de viagem, gênero muito em voga no final do século XIX, de outra parte, o autor se dava conta dos limites de um gênero literário que se colocava com frequência no imaginário coletivo, como a substituir a mesma experiência da viagem.

Como era comum fazer antes de cada viagem, também desta vez o autor estava bem preparado, tendo lido livros de geografia, antropologia e história e, assim, fazendo uma ideia da região geográfica que iria visitar; mas de fato, a forte impressão registrou-se durante esta viagem. E assim, pode-se dizer que, consciente dos limites desse gênero literário, mais do que criticar os livros de viagem, De Amicis foi além, empregando a impressão mais forte que ficou da viagem à América do Sul, ou seja, o encontro com emigrantes italianos. Tal impressão desencadeou no autor uma série de reflexões, não tanto sobre o país de acolhimento, a Argentina, mas sobre aquele país de origem, a Itália, sobretudo sobre a atormentada questão da coesão e da identidade nacional, que depois de vinte anos de unificação permanecia ainda por resolver.

Provavelmente nunca antes daquela viagem de 1884, uma reportagem de viagem o havia colocado em tamanha crise. No fundo, escrever da Holanda, de Londres ou de Constantinopla significava relacionar-se com outras identidades nacionais, diversas e distantes da realidade em que o autor ou seus leitores encontram-se identificados. Com imigrantes italianos a questão se complicava, visto que esses camponeses, ainda que diferentes em termos de condições econômicas e de classe social, eram parte integrante daquilo que, para De Amicis,

permanecia indiscutível, mesmo que fosse utópico o ideal de unidade identitária. Por isso, retornando ao leve desencanto com que De Amicis descreve o gênero da literatura de viagem (que coincide também com o seu período de crescente interesse e empenho em direção ao socialismo), vemos que o autor de *Sull'Oceano* cumpre uma intencional operação de redefinição do gênero odeporico, do romance de entretenimento, à época no auge, rico de elementos exóticos, de aventura, de maravilhas (pensemos no enorme sucesso de Emilio Salgari ou Jules Verne), a um romance digamos de investigação, que reclama a atenção do leitor para o aspecto social e para a realidade que iria encontrar ao enfrentar uma viagem além do oceano. *Sull'Oceano*, justamente, como sugere o título, é um romance que permanece narrativamente suspenso sobre as águas agitadas de um grande oceano a atravessar. Não descreve a experiência típica do viajante que alcança terras desconhecidas, mas se concentra nos acontecimentos que assinalam a passagem física e psicológica do emigrante da Europa para a América do Sul, narrando a viagem através da descrição da vida dos passageiros sobre o navio, seus comportamentos, suas esperanças e o medo ligado à incerteza do futuro, também simbólico daquela condição de transição que a Itália vivia no período pós-unitário. Não escrever sobre a Argentina, fixar-se somente sobre a viagem, foi uma escolha feita por De Amicis, que menciona algo como uma perdida oportunidade, num conto intitulado “La mia officina”, onde exprime um “sentimento de tristeza” por um caro sonho dissipado e uma promessa que não se mantém” (De Amicis, 1990, p. 113). Sonho seu, de autor, e promessa provavelmente feita aos conterrâneos emigrados na Argentina, que lhe haviam solicitado que escrevesse e falasse deles quando voltasse à pátria. Uma pátria que, no dizer de De Amicis, eles sentiam muito próxima, mas que não demonstrava para eles uma simpática atenção. “Foi ato de homem honesto”, explicou De Amicis, “haver desistido do propósito de escrever um livro, depois de longos estudos e renúncia a muito vil metal; tal livro não poderia ser original nem útil, por insuficiência de observações pessoais e diretas. Seria apenas um livro feito com livros, cansativo e pouco sincero e, por isso, indigno do tema complexo e vastíssimo que, em três meses de permanência na América do Sul, ocupado com mil diferentes cuidados, eu não teria tido tempo, nem de estudar a fundo, muito menos de pensar seriamente” (De Amicis, 1990, p. 113).

Mas se De Amicis não consegue escrever o romance que pretendia sobre a América do Sul, com *Sull'Oceano*, afrontou aquele que percebia como o aspecto mais significativo desta sua viagem, ou seja a experiência

humana ligada ao sempre crescente fenômeno da emigração, para seguir aquela missão nacional-pedagógica que tanto o preocupava como escritor. É bem verdade que, no romance de De Amicis, não é preciso procurar um romance social, que analisa um problema para depois traçar possíveis soluções. Artisticamente, De Amicis ambicionava um objetivo muito simples: sensibilizar a opinião pública, usar o texto literário com a finalidade de promover progresso moral e social nacional, fazer conhecer a realidade do emigrante e, assim, instruir o leitor (tipicamente burguês), fazê-lo partícipe de uma série de reflexões que se poderia resumir em duas ordens principais de ideias: antes de mais nada o conceito de pátria – valor então fundamental na retórica nacional pós-unitária – e, em segundo lugar, a identidade nacional, que o autor problematiza à luz do fenômeno da emigração, seguramente percebido pelos contemporâneos senão como um perigo, pelo menos como um obstáculo ao processo de formação da identidade nacional italiana. O navio, com seus 70 passageiros de primeira e segunda classe, 200 tripulantes e 1600 passageiros de terceira classe, representa para o autor um microcosmo da sociedade, ou como disse o mesmo De Amicis, “um fragmento palpitante da minha pátria” (De Amicis, 2005, p. 70). A identidade italiana, ou melhor itálica, termo cunhado recentemente, mas antecipado com grande clarividência por De Amicis – porque o autor considera o conceito de italianidade não de um ponto de vista exclusivamente territorial e se dá conta, no curso desta viagem, que a pátria não podia coincidir com a nação, e que a formação cultural dos italianos deveria considerar essas experiências transnacionais.

Retornando ao conceito de pátria, elemento fundamental da retórica seja ressurgimental, quanto pós-unitária, é importante ter presente o fato que De Amicis usava este termo em senso idealístico, utópico, para falar da Itália como entidade espiritual, no sentido de afinidade eletiva, de pertencimento étnico, mais que em termos geográficos e territoriais. Dizer pátria certamente não é a mesma coisa que dizer nação. A tal propósito, a historiadora Patrizia Cordin explica que, na proposição de *nação*, a etimologia (*natio* da *natus*) é ligada ao nascimento e, assim, ao lugar e território de proveniência. Já *pátria* remete aos patres, aos ancestrais. Aqui os pais não evocam “a paternidade física, corpórea, mas uma origem espiritual, política, jurídica, subtraída do *’hic et nunc*, à concretude do ato de nascimento” (Cordin, 2002, p. 24). O nome pátria vem proposto sobretudo para referir-se a uma eleição espiritual, a um atrelamento afetivo que envolve fortemente a esfera emotiva. A esfera afetiva ou emotiva, como outros historiadores demonstraram,

foi a propósito o âmbito privilegiado da ação de muita publicidade patriótica. Banti e Ginsborg recordam, por exemplo, no recente volume dos Anais dedicados ao Ressurgimento, que o movimento ressurgimental desenvolve-se sob a insígnia da emoção “mais que da racionalidade, mais que da lúcida e desencantada reflexão” (Banti; Ginsborg, 2007, p.24) Acreditava-se, de fato, que a ideia da nação italiana seria melhor difundida com a força emotiva dos sentimentos, do que com os silogismos da lógica e da razão. Os primeiros anos do período pós-unitário haviam de fato demonstrado não só como então distante estava a real unidade da Itália, mas também a clara necessidade de ter viva no imaginário coletivo a força emotiva daquele símbolo de unidade que era justamente a pátria. E assim fez De Amicis, que continuou a privilegiar o conceito de pátria àquele de nação, acreditando que, ao operar a nível da imaginação, nível simbólico, isto é, valorizando aquelas práticas que facilitavam o sentido do pertencimento, seja em termos culturais ou institucionais, o processo de formação cultural dos italianos seria finalmente completado. Se a ligação sentimental à pátria era em definitivo a mola que impulsionou os patriotas a sacrificar-se pela Itália (pensamos no romance de Ugo Foscolo, *Le ultime lettere di Jacopo Ortis*) e a criar a nação italiana, para De Amicis, o mesmo transporte emotivo caracterizava a relação dos emigrantes (operários, camponeses, deserdados com freqüência, ausentes na retórica nacional ressurgimental) com a pátria. A imagem da Itália que aparece é aquela de um país descrito simbolicamente como um corpo humano (feminino ou materno, imagem da Itália como mãe de todos os italianos, muito usada na retórica familística ressurgimental) a que a emigração arranca a carne em pedacinhos. *Sull'Oceano* começa com estas palavras:

Quando cheguei, ao anoitecer, o embarque dos emigrantes já havia começado há uma hora; o Galileo, unido ao cais por uma pequena ponte móvel, continuava a ensacar miséria: uma procissão interminável de gente que saía do edifício defronte, onde um delegado de polícia examinava os passaportes. A maior parte, havendo passado uma ou duas noites ao ar livre, agachados como cães nas ruas de Gênova, estavam cansados e com sono. Operários, camponeses, mulheres com crianças ao seio, rapazinhos que tinham presa no peito a chapinha de lata do asilo infantil passavam, levando quase todos uma cadeirinha dobrável debaixo do braço, sacos e malas de todas as formas na mão ou sobre a cabeça, braçadas de colchões e de cobertas, e o bilhete com o número do beliche apertado nos lábios. (De Amicis, 2005, p. 61).

O *pathos* emotivo é evidente nesta imagem do navio como receptáculo da miséria italiana, acrescido nas páginas seguintes pelo uso de similitudes como “o grande vapor [...] como um enorme cetáceo que mordesse a margem, sugava sangue italiano” (De Amicis, 2005, p. 62) e, ainda: “o vapor deslizava devagar na meia obscuridade do porto, quase furtivamente, como se levasse embora um carregamento de carne humana roubada” (De Amicis, 2005, p. 63). Expressões como “sugar o sangue” e “roubar carne humana” têm aqui o escopo narrativo de criar uma viva comoção entre os leitores burgueses que, segundo De Amicis, pouco conheciam da realidade não só da emigração, mas também da vida daqueles italianos que eram obrigados a deixar a Itália (o grande público de leitores era fundamentalmente burguês e urbano). Uma falta de familiaridade, também causada pelas divisões sociais, assim como sucedia sobre a nave, levava a comportamentos de intolerância recíproca. A tal propósito, De Amicis escrevia no romance:

As pessoas gentis de ânimo e de cultura, nas quais é inato e fortalecido pela educação o sentimento de igualdade, não imaginam quanto seja ainda comum na nossa burguesia democrática o desprezo quase inconsciente ao povo e como são poucos aqueles que lhe sabem falar sem humilhá-lo, também quando querem agradar, fingindo tratá-lo como igual. (De Amicis, 2005, p. 112).

A isso seguia uma atávica desconfiança por parte das classes populares:

[...] mas relampejava nos olhos das outras aquela ira lívida, que inflama cada vez que litigam, mesmo por uma coisa de nada, com gente das classes superiores, e que resultam de um acúmulo de rancores antigos e confusos, estranhos ao motivo do momento. [...] E as querelas femininas eram sustentadas pelo resmungo surdo de uma fileira de homens, os quais divertindo-se como num espetáculo, instigavam o descontentamento por espírito de classe e também um pouco por uma certa consciência afoita de futuros cidadãos republicanos. (De Amicis, 2005, p. 111).

De Amicis traça o perfil daquela tensão de classe que, nos anos pós-unitários do primeiro desenvolvimento industrial, começava a fazer-se sentir na Itália. Que o povo devesse ser parte integrante do processo de formação nacional, De Amicis já havia narrativamente dito no romance *Cuore*; aquilo que emerge de diferente em *Sull'Oceano* é a noção de um povo deslocado da nação mas unido à essa através de um princípio ideal de pertencimento à uma única identidade italiana, ou melhor, itálica.

O quê se entende por identidade itálica? Segundo os teóricos desse conceito identitário, a italicidade é diferente da italianidade, como definição de um presumível caráter italiano. A italicidade exprime o senso de pertencimento ou agregação entre indivíduos que partilham um certo sistema de valores (neste caso encontráveis na cultura, história, costume ou civilidade da Itália) e que se estende também para além da nação italiana. “O olhar itálico”, escreve Riccardo Giumelli, “exprime sobretudo um sentimento de pluri-pertencimento: pertencimento aos valores itálicos, àqueles ocidentais, mas também e sobretudo àqueles do novo cosmopolitismo,” colocando em evidência implicitamente o aspecto da mobilidade sobretudo fora do território nacional do sujeito itálico. Afirma o autor que

Quando se fala de italicidade devemos incluir um outro aspecto que a diferencia, vale dizer a mobilidade que desde sempre caracteriza os itálicos: aqueles que emigram, aqueles que retornam à Itália, através de fluxos contínuos em e de muitas partes do mundo. (Giumelli, 2010, p. 45)

Segundo um dos principais teóricos da italicidade, Piero Bassetti, fundador do movimento ‘Globus et Locus’ e autor de *Non più immigrati ma italici* (Milano 2007), é hoje necessário começar a formular hipóteses sobre um ‘Segundo Ressurgimento’ que vê na civilização italiana o ponto de inspiração principal para toda a população cosmopolita de itálicos. Com este projeto não se promove a superioridade no mundo da civilização italiana, mas tenta-se encontrar os percursos possíveis de identidade global desenvolvidos a partir de um *network* de interconexão cultural que ele chama ‘conexão reticular’. Os itálicos, explica Bassetti,

são os cidadãos italianos na Itália e fora da Itália, como também os ticinenses, dálmatas, descendentes de italianos como ítalo-americanos ou ítalo-argentinos, os emigrados nacionalizados, os itálofonos e todos que, mesmo sem ter uma gota de sangue italiano, abraçam valores, estilos de vida e modelos daquele *Italian way of life* difundido no mundo. Trata-se de um pertencimento não só do tipo nacional, étnico-linguístico ou jurídico-institucional, mas essencialmente antropológico-cultural e funcional.⁴

⁴ Piero Bassetti, Intervento di Piero Bassetti: “Italic Unity: how to make it happen”, descarregável do site web da organização Globus et Locus: <http://www.globusetlocus.org/Attivita/Progetto/Popoli_Glocal/Italici/Convegna_E_Seminari/Convegna_Philadelphia.kl>.

Em outras palavras, Bassetti procura dar forma à uma teoria que possa explicar uma presença identitária múltipla no interior de uma definição de italianidade frequentemente amorfa e redutiva. Ainda que suas hipóteses surjam de questões identitárias decorrentes de fenômenos recentes, como a globalização e as migrações de cidadãos estrangeiros para a Itália, ou dos ditos *cérebros* da Itália que emigram para países da Europa setentrional ou para a América do Norte, os pressupostos teóricos permanecem válidos também quando são aplicados a reflexões relativas a períodos históricos precedentes. O que significa ser italiano no final do século XIX? Como intérprete da variada gama de modos de relacionar-se com a ‘pátria’ e com o nebuloso sentimento de pertencimento à italianidade, como paralelamente à nação, nasciam das comunidades de descendentes ou expatriados italianos que mantinham, ainda que por vezes só a nível afetivo, uma forte ligação com o país de origem? Estas são as perguntas que provavelmente colocou-se De Amicis, enquanto observava, viajando no vapor *Nord America*, os emigrantes italianos que deixavam a Itália, seja com vontade ou sem vontade, mas também sentindo a ligação afetiva àquilo que, sobretudo de longe, aparecia sempre como uma nação (muitos emigrantes descobriram de ser ‘italianos’ depois de expatriados e em contato com italianos de outras regiões). No período em que o autor escrevia, muitas foram as polêmicas relacionadas à emigração, levantadas sobretudo pelas classes hegemônicas, que acusavam os emigrantes de abandonar a Itália num momento de necessidade, quando a nação estava sendo construída; ou de fazê-lo com um senso de pertencimento mais regional do que nacional. Mas De Amicis tomou uma posição muito diversa, descrevendo a sua visão do fenômeno da emigração em um trecho crucial do romance em que reporta uma conversação com o personagem garibaldino, um velho combatente apaixonado pela causa nacional, mas também desiludido pela falta de realizações das muitas reformas prometidas na campanha ressurgimental. De Amicis pergunta ao personagem garibaldino:

‘Viu aqueles pobres camponeses?’ o camponês responde lentamente, olhando o mar, – são embriões de burgueses. Não apreendi logo o conceito. – Têm só o mérito de não mascarar-se com a retórica patriótica e humanitária. De resto... mesmo egoísmo de feras domesticadas. O ventre, o bolso. Nem menos o ideal da redenção de sua classe [...] – Não obstante observei, quando estava na América, que recordam e amam a pátria. – Ele se apoiou no parapeito, voltado para o mar. Depois responde: a terra, não a pátria.

Não acredito-respondo eu. [...] – Esta não é a verdade – disse-lhe –. Dos desenganos de todos, fomos nós mesmos a causa, imaginando que a liberação e a unificação da Itália teria produzido uma imediata e completa regeneração moral e extirpado a miséria e o delito. Não confrontemos o presente Estado com o ideal, do qual todos os povos encontram-se igualmente distantes; confrontemos com o passado. Este era de opróbrio e de horror que só o simples fato de termos saído, de qualquer modo, deve confortar de tudo.

Ainda que De Amicis fosse bem consciente dos limites das reformas institucionais implantadas depois da unificação política do país, o ideal de pátria, ou o senso de pertencimento a um sistema identitário único, que superasse as diferenças de proveniência social e geográfica, permanecia uma prioridade absoluta para o autor, que continuou a conceber a escrita como um instrumento funcional ao progresso da sociedade. Pelo contrário, foram propriamente as decepções provadas naqueles primeiros anos pós-unitários, entre 1870 e 1880, a estreitar a convicção de De Amicis que as reformas teriam acontecido só quando o país estivesse educado e tivesse alcançado uma maior consciência da fragmentada realidade identitária italiana que se estava criando no mundo. Daí porque *Sull'Oceano*, como todas as outras obras de De Amicis, se dirigia a um público de leitores a quem o autor não queria oferecer um romance de simples distração, mas uma reflexão sobre uma realidade – aquela da emigração – que era muito menos distante do que o leitor podia imaginar. De Amicis concluía, portanto, o único livro que havia conseguido escrever sobre a vida dos emigrantes com uma visão unificante de fraternidade, se poderia acrescentar de ‘italicidade’ que, embora sustentada por aqueles sentimentos *bonistas*, que os críticos tanto nele combateram⁵, representa uma das raras e mais sinceras páginas dedicadas por um escritor italiano à questão da emigração. Escreve:

E repassando aquela viagem de 22 dias, me parecia verdadeiramente ter vivido num mundo à parte, o qual reproduzindo em miniatura os acontecimentos e as paixões do universo, houvesse facilitado e esclarecido o juízo entorno dos homens e da vida. A maior parte

⁵ Emblemático desta crítica negativa permanece o ensaio de Umberto Eco, “Elogio di Franti”, em que Eco faz a parte do ‘malvado’ Franti desmerecendo o bom Enrico, visto como “a encarnação daquele ambíguo socialismo humanitário que precedia o fascismo”. In *Diario minimo*, Milano, Bompiani, p. 82.

das criaturas humanas é mais infeliz do que má e sofre mais do que faz sofrer. Depois de haver odiado e desprezado os homens, sem outro fruto senão aquele de amargar a vida [...] retornamos ao único sentimento sábio e útil, que é aquele de uma grande piedade para todos, da qual, pouco a pouco, os outros bons e fecundos afetos nascem, confortados pela santa esperança que, apesar de uma aparência passageira contrária, atenua o imenso peso das dores no mundo e melhora a alma humana. Quando coloquei o pé em terra tornei a olhar ainda uma vez o Galileo, e o coração me bateu por dizer-lhe adeus, como se fosse um borda do meu país que nadasse e que me houvesse levado até lá. Esse não era mais que um risco negro no horizonte do rio desmedido, mas se via ainda a bandeira que tremulava sob o primeiro raio de sol da América, como um último aceno da Itália que recomendava à nova mãe os seus filhos errantes. (De Amicis, 2005, p. 234).

Referências

- BANTI, Alberto Mario; GINSBORG, Paul (org.). *Storia d'Italia*. Annali 22. Risorgimento. Einaudi. Torino, 2007.
- BERTONE, Giorgio. *La patria in piroscifo. Il viaggio di Edmondo De Amicis*. in DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano*. (org) Giorgio Bertone, Edizioni Diabasis, Reggio Emilia, 2005. pp. 21-58.
- BEZZI, Valentina. *Nell'officina di un reporter di fine Ottocento: gli appunti di viaggio di Edmondo De Amicis*. Il Poligrafo. Padova, 2007.
- CORDIN, Patrizia. *Nazione, patria, madrepatria. Una questione lessicale*. In *Genesis: Rivista della Società italiana delle storiche* I.1 (2002), pp. 23-33, p. 24.
- DE AMICIS, Edmondo. *Il sogno di Rio de Janeiro* in *Nel Regno del Cervino*, Fratelli Treves. Milano, 1900, pp. 277-302.
- DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano*. In: Giorgio Bertone (org). *Edizioni Diabasis*. Reggio Emilia, 2005, pp. 21-58.
- DE AMICIS, Edmondo. *La mia officina* in *Nel Regno del Cervino*. Milano, 1900, pp. 101-126.
- GIUMELLI, Riccardo. *Lo sguardo italico: nuovi orizzonti del cosmopolitismo*. Liguori Editore. Napoli, 2010.
- NICOLA, Francesco De. *De Amicis e l'Argentina*. in *Gli scrittori italiani e l'emigrazione*. Ghenomena Edizioni. Formia, 2008, pp. 29-57.
- PASTORINO, Federica. *De Amicis dagli Appennini alle Ande*. in *De Amicis: Riletture e Approfondimenti*. Atti del Convegno di Studi, Genova, 23 ottobre 2008, (org.) Vincenzo Gueglio. Gammarrò editori. Sestri Levante, 2009, pp. 39-64.
- VILLARI, Pasquale. *Edmondo De Amicis e i suoi critici*, in *Nuova Antologia*, 28.3 (1 Luglio 1889). pp. 102-116.

Site:

BASSETTI, Piero. *Intervento di Piero Bassetti: 'Italic Unity: how to make it happen'*, descarregável do site web da organização Globus et Locus. Disponível em: <http://www.globusetlocus.org/Attivita/Progetto/Popoli_Glocal/Italici/Convegni_E_Seminari/Convegno_Philadelphia.kl>. Acesso em: 06 ago. 2012.

Solicitado em 17/09/2012

Aprovado em 18/10/2012